

## Teses sobre método<sup>1</sup>

### Theses on Method

Bruce Lincoln\*  
Tradução: Daniel Rocha \*\*  
Henrique Rodrigues Caldeira \*\*\*

1. A conjunção “das” que conecta os dois substantivos no etnônimo disciplinar “História das Religiões” não é um preenchimento neutro. Pelo contrário, anuncia uma reivindicação de propriedade e uma relação de abrangência: história é o método e religião, o objeto de estudo.
2. A relação entre os dois substantivos também é tensa, o que fica claro se alguém se dá ao trabalho de especificar os respectivos significados. Religião, eu proponho, é o discurso cuja característica própria é o desejo de falar de coisas eternas e transcendentais com uma autoridade igualmente transcendente e eterna. A história, em absoluto contraste, é o discurso que trata de coisas temporais e terrenas em voz humana e falível, ao mesmo tempo em que busca se legitimar por meio de uma autoridade baseada em uma prática crítica rigorosa.

---

<sup>1</sup> Estas treze teses fizeram, originalmente, parte de uma apresentação do professor Bruce Lincoln na seção de estudos comparativos em religião no encontro da *American Academy of Religion* na Filadélfia em novembro de 1995. Posteriormente, o presente texto foi publicado na revista *Theory and Method in the Study of Religion*. Esta tradução foi realizada a partir do texto: LINCOLN, Bruce. Theses on Method. In **Theory and Method in the Study of Religion**. Leiden, Brill, 2013. Disponível em: [http://doi.org/10.1163/9789004257573\\_017](http://doi.org/10.1163/9789004257573_017). A presente tradução foi publicada com a autorização do autor e da editora Brill.

Artigo submetido em 17 de outubro de 2023 e aprovado em 26 de dezembro de 2023.

\* Professor emérito de História das Religiões na Universidade de Chicago. É autor de diversas obras fundamentais sobre o estudo das religiões, entre elas: *Theorizing Myth: Narrative, Ideology, and Scholarship*; *Holy Terrors: Thinking about Religion after September 11*; e *Apples and Oranges: Explorations In, On, and With Comparison*.

\*\* Bolsista de pós-doutorado (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Brasil. E-mail: [danielrochabh@gmail.com](mailto:danielrochabh@gmail.com).

\*\*\* Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Brasil. E-mail: [henriquercaldeira@gmail.com](mailto:henriquercaldeira@gmail.com).

3. A História das Religiões é, portanto, um discurso que resiste e inverte a orientação dos discursos com os quais ela se ocupa. Praticar História das Religiões de uma forma consistente com a proposta expressa no título da disciplina é insistir na discussão das dimensões materiais, humanas, de interesses, locais, contextuais e temporais dos discursos, práticas e instituições que caracteristicamente se representam como eternos, transcendentos, espirituais e divinos.
4. As mesmas perguntas destabilizadoras e irreverentes que podem ser feitas a qualquer ato de fala também devem ser aplicadas ao discurso religioso. A primeira delas é “Quem fala aqui?”, ou seja, que pessoa, grupo ou instituição é responsável por determinado texto, qualquer que seja seu suposto ou aparente autor. Além disso, “Para que público? E em que contexto geral ou imediato? Através de qual sistema de mediações? Com que interesses?” E ainda: “Do quê o(s) autor(es) procurava(m) persuadir sua audiência? Quais seriam as consequências se esse projeto de persuasão fosse bem-sucedido? Quem ganharia o quê e quanto? Quem, ao contrário, perderia?”
5. A reverência é uma virtude religiosa, e não uma virtude acadêmica. Quando não é possível conciliar boas maneiras e boa consciência, as exigências desta última devem prevalecer.
6. Muitos que não pensariam em blindar sua própria religião ou a religião de seus pais contra análises críticas ainda garantem esse tipo de proteção à fé de outras pessoas, através de uma postura de relativismo cultural. Pode-se reconhecer suas boas intenções, embora se perceba também uma certa postura defensiva deslocada, bem como a consciência culpada do imperialismo ocidental.
7. Para além da questão dos motivos e intenções, o relativismo cultural baseia-se na duvidosa – para não dizer fetichista – construção de “culturas” como se fossem grupos estáveis e distintos de pessoas definidos por também estáveis e distintos valores, símbolos e práticas compartilhadas. Na medida em que esse modelo enfatiza a permanência e integridade de grupos atemporais – cujas tensões e conflitos internos, turbulências e incoerências,

permeabilidade e maleabilidade são em grande parte apagados – corre-se o risco da produção de uma narrativa religiosa, e não de uma narrativa histórica: o enredo de um ideal transcendente ameaçado por forças de mudança arrasadoras.

8. Aqueles que sustentam essa imagem idealizada de cultura o fazem, entre outras coisas, confundindo o segmento dominante (sexo, faixa etária, classe e/ou casta) de um determinado grupo com o próprio grupo ou “cultura”. Ao mesmo tempo, confundem posições ideológicas favorecidas e propagadas pelo segmento dominante como sendo as do grupo como um todo (por exemplo, quando textos escritos por brâmanes definem o que é “hinduísmo”, ou quando declarações de anciãos do sexo masculino são tomadas como “a religião dos *nuer*”). Falsos reconhecimentos acadêmicos desse tipo acabam por replicar os falsos reconhecimentos e representações deturpadas daqueles que os pesquisadores privilegiam como suas fontes.
9. A investigação crítica não precisa adotar nem o cinismo nem a dissimulação para justificar a tarefa de ir além da superfície, e deve escrutinar o discurso e a prática acadêmicos tanto quanto qualquer outra.
10. Compreender o sistema ideológico que opera em nossa própria sociedade é difícil por dois fatores: (i) a nossa consciência é um produto desse sistema, e (ii) o próprio sucesso do sistema torna suas operações invisíveis, já que estamos tão consistentemente imersos em – e bombardeados por – seus produtos que passamos a confundi-los (e o aparato através do qual são produzidos e disseminados) com a própria “natureza”.
11. Os produtos e operações ideológicas de outras sociedades oferecem oportunidades inestimáveis para aqueles que aspiram estudar as ideologias. Por serem inicialmente não familiares, eles não precisam ser antes desnaturalizados para que possam ser examinados. Em vez disso, eles incitam e recompensam o estudo crítico, proporcionando lições que podem ser bem aplicadas em casa.
12. Embora a investigação crítica tenha se tornado lugar-comum em outras disciplinas, ela ainda é considerada ofensiva por muitos estudantes de

religião, que a denunciam como “reducionismo”. Essa acusação visa silenciar a crítica. A falha em tratar a religião “como religião” – isto é, a recusa em ratificar sua reivindicação de natureza transcendente e status sacrossanto – pode ser considerada heresia e sacrilégio por aqueles que se definem como religiosos, mas é o ponto de partida para aqueles que se definem como historiadores.

13. Quando um pesquisador permite que aqueles que ele estuda definam os termos pelos quais serão compreendidos, e suspende seu interesse pelo temporal e pelo contingente, ou falha em distinguir entre “verdades”, “alegações de verdade” e “regimes de verdade”, ele deixa de atuar como historiador ou acadêmico. A partir daí, vários papéis estão disponíveis: alguns perfeitamente respeitáveis (amanuense, colecionador, amigo e advogado) e outros menos atraentes (fã, voyeur, mercador). Nenhum, no entanto, deve ser confundido com o trabalho acadêmico.